

El Trabajo o la Pobreza... quedó la Explotación

Autoria: Geraldo Adriano Godoy de Campos, Felícia Alejandrina Urbina Ponce, Juliana Senatore Lago

Resumo

Este artigo procurou mapear como o processo de subcontratação da mão-de-obra boliviana no setor têxtil reproduz relações de trabalho de exploração nas oficinas de costura localizadas na cidade de São Paulo. Para tanto, o marco teórico utilizado é interdisciplinar e abrange dimensões de análise que incorporam uma perspectiva que expressa às relações de trabalhos como arranjos formais e informais entre capital e trabalho. Este enfoque pressupõe um esforço no sentido de descortinar as relações de causalidade entre o fenômeno migratório na América Latina e a exploração de trabalho no processo de terceirização da cadeia produtiva do setor têxtil. Utilizou como método o estudo de caso e uma abordagem qualitativa-interpretativa baseada em uma pesquisa exploratória que se apoiou em técnicas de coleta de dados primários como: a observação não disfarçada, a entrevista e o colóquio. Dentre os principais resultados, observou-se que a condição de pobreza do povo boliviano, redes pessoais de relações e de tráfico e contrabando de pessoas e a expectativa de ascensão social são traços que incidem sobre a reprodução do modelo de exploração do trabalho nas oficinas de costura.

1 INTRODUÇÃO

Apesar do avanço tecnológico apoiar, em alguns casos, a produtividade do setor de confecção de algumas empresas nacionais e internacionais para atender a pressão de demandas de diversos mercados, é paradoxal conviver com processos de trabalho ‘artesaniais’ para a confecção de roupas que irão abastecer os estoques de vendas dos grandes grupos de lojas por departamento no Brasil. Os novos modelos de organização do processo de trabalho têm inserido novas práticas que possibilitam o aumento da produtividade; diminuição de custos; promovendo eficiência e eficácia organizacional; valorização e reconhecimento do desempenho dos trabalhadores, valores que estão muito distante da dinâmica vivenciada no dia-a-dia que caracteriza o processo de trabalho de algumas oficinas de costura, localizadas na cidade de São Paulo e Buenos Aires, que utilizam mão-de-obra imigrante. Apesar dessas mudanças no ambiente organizacional, o processo de trabalho presente nas oficinas reflete pouca ou nenhuma transformação quanto aos métodos utilizados no desempenho das atividades rotineiras marcadas pelo conhecimento e prática do ofício nos moldes tradicionais e de uma relação entre trabalhador e subcontratador cada vez mais desumana. O perfil desses trabalhadores está constituído por uma grande massa de imigrantes que desempenham suas atividades laborais em jornadas exaustivas em troca de uma quantia ínfima por peça de roupa produzida. Nesse sentido, a indagação principal que conduziu a pesquisa foi: *quais os elementos que incidem na reprodução da exploração do trabalho de bolivianos nas oficinas de costura na cidade de São Paulo?*

Outro aspecto que também está muito longe dessas tão discutidas novas formas de gerir os recursos humanos está ligado ao utilizado conceito de Responsabilidade Social Empresarial. Hoje, é um construto que ganha popularidade e adesão no ambiente empresarial e que deveria ser avaliado não apenas através do discurso e valores expressos nas organizações, mas pelo grau de coerência entre o discurso e a prática empresarial. Com efeito, seria interessante questionar como o comportamento de determinadas empresas pode ser considerado socialmente responsável quando as mesmas estabelecem relacionamentos com fornecedores que deixam dúvidas sobre as condições de trabalho no qual essas relações de produtividade se dão. Esta complexidade no relacionamento se agrava ainda mais quando se observa a condição jurídica (imigrante-ilegal) da maioria da mão-de-obra que exerce

atividades nas oficinas, fato que coloca essa população em situação vulnerável para a aceitação das condições determinadas pelo subcontratante.

Embora o objetivo geral do presente trabalho para efeito deste artigo tenha focado a relação entre fluxos migratórios de bolivianos e as relações de trabalho geradas por esta condição, a proposta é completar a investigação futuramente abordando qual o posicionamento das empresas que comercializam esses produtos sem considerar as condições nas quais os produtos são fabricados. Hoje é crescente no Brasil a preocupação em fiscalizar padrões de relacionamentos entre empresas e subcontratadoras por meio de instrumentos como os Termos de Ajustamento de Conduta (TAC), assinados por algumas empresas como C&A e Riachuelo, com o compromisso, junto ao Ministério Público do Trabalho de cancelar contratos com fornecedores que empreguem mão-de-obra nas condições descritas acima.

Para alcançar o objetivo geral foi necessário abordar os seguintes objetivos específicos: identificar os motivos da imigração dos bolivianos para São Paulo; descrever as condições de trabalho nas oficinas de costura; descrever as iniciativas desenvolvidas em São Paulo, Buenos Aires e La Paz com vistas a um gerenciamento mais adequado das relações de trabalho neste setor.

2 MARCO TEÓRICO

O presente estudo abordará o conceito de “Relações de Trabalho” como sendo o produto de relações entre forças sociais contraditórias a partir da abordagem de Nogueira (2002, p.116) que embasa essa reflexão considerando três pressupostos básicos, a saber:

- as relações entre proprietários e não proprietários dos meios de produção continuam a prevalecer mesmo com o advento da informação; do conhecimento e da imaterialidade nos processos organizacionais e empresariais;
- o trabalhador assalariado é livre para vender sua força de trabalho, realidade contraditória incontestável porque, caso não consiga vender sua força de trabalho, deixa de ser livre para viver e
- a produção de bens e serviços, apesar de coletiva e social, marcada pela interdependência complexa e internacional dos setores de produção material e imaterial, as chamadas cadeias produtivas, continua determinada em última instância, em contrapartida, pela apropriação privada dos resultados e concentrada em pequenos grupos proprietários e gestores.

Assim é evidente a impossibilidade de separar o modelo de “gestão de pessoas do modelo de “gestão de trabalho”. Observa-se que apesar da evolução dos modelos de gestão de pessoas desde o tradicional departamento de pessoal até o nomeado modelo de “gestão por competências” este avanço também trouxe

de um lado o surgimento de novas formas precárias de trabalho e, de, outro, os deslocamentos migratórios em busca de trabalho, cuja mobilidade e liberdade no campo internacional, tanto incentivada no passado, hoje têm sido coibida e reprimida em plena universalização do regime de salariado (NOGUEIRA, 2002, p. 116)

Desse modo, Nogueira (2002, p.117) expressa que as relações de trabalhos como arranjos formais e informais entre capital e trabalho numa visão estratégica podem ser agrupados segundo quatro dimensões de análise:

- **Microssocial:** abrange o local de trabalho, o processo de trabalho, a empresa ou a organização, nos quais se estabelecem políticas de recursos humanos e gerenciais baseadas em filosofias e culturas organizacionais.

Consideram-se também, nessa dimensão, as novas relações de trabalho estabelecidas com as organizações formais, desde a subcontratação, a terceirização, o trabalho parcial e temporário até o trabalho informal;

- Mesossocial: abrange principalmente as agências de mediação dos trabalhadores e empresários, tais como sindicatos, associações, federações, os setores empresariais e as cadeias produtivas;
- Macrossocial : abrange os arranjos do Estado, as políticas públicas e sociais, a legislação social e trabalhista, o Parlamento e as relações entre forças políticas[...]abrange cenários sociais, políticos e institucionais complexos e a
- Hipermacrossocial: decorre da globalização das economias e está voltada à atuação das empresas transnacionais bem como aos arranjos dos blocos internacionais, como OIT, ONU, FMI e OMC.

O caso analisado aponta igualmente para a necessidade de que os estudos sobre as relações de trabalho atualmente considerem o diálogo com epistemologias complexas, que não convergem com lógicas dicotômicas tradicionais, como por exemplo, formalidade/informalidade e legalidade/ilegalidade. A abordagem do tema deve, portanto, basear-se em uma ótica multidimensional como proposta por Nogueira por meio das quatro dimensões supracitadas, na qual se verifica a presença de distintos atores com lógicas de atuação e responsabilidades distintas. A seleção dos entrevistados foi feita tomando como base nesta perspectiva.

Por outro lado, acredita-se que o trabalho dos bolivianos nas oficinas de costura em São Paulo não somente está relacionado ao contexto de transformações do mundo do trabalho, mas é paradigmático do atual estágio de complexidade da economia mundial, no qual a circulação de pessoas em busca de melhores condições de vida, compondo uma oferta de mão-de-obra imigrante é inevitável. A elevação de barreiras, físicas, jurídicas e sociais, na tentativa de conter os fluxos migratórios tem demonstrado ineficiência, além de ser freqüente, na literatura sobre o assunto, a menção à necessidade que os países receptores de mão-de-obra imigrante têm de absorção de força de trabalho em setores que não são atrativos para os trabalhadores nacionais.

À luz de tal constatação, evidencia-se o anacronismo da forma como o estrangeiro é tratado juridicamente no Brasil. A lei que regulamenta a situação dos imigrantes no Brasil, conhecida como Lei dos Estrangeiros foi criada em 1980. Ela foi redigida com base na Doutrina de Segurança Nacional do período militarⁱ. A Lei se baseia em uma visão do estrangeiro como um risco à ‘ordem social’, chegando a proibir a reunião pública de imigrantes.ⁱⁱ Com tantas restrições, as pessoas são subtraídas de seu acesso a um patamar mínimo de cidadania e participação no espaço público, que também se relaciona com uma situação de pobreza e vulnerabilidade (CAMPOS, 2008).

A falta de documentos e do ‘Direito a ter direitos’ contribui significativamente para que os imigrantes bolivianos fiquem reféns de situações de exploração, pois é um componente fundamental do medo dos costureiros de acessar as instâncias do poder público, seu próprio consulado, os serviços de saúde e educação pública e impede-lhes de procurar outras alternativas de trabalho.

Nos aspectos concernentes às formas de obtenção de valor excedente concentradas na intensificação do trabalho no Brasil, Fischer (1987, p. 42) estabelece a seguinte classificação:

- As formas ‘selvagens’, que se baseiam na superexploração da força de trabalho, pela ampliação da jornada de trabalho e salários em níveis abaixo das necessidades de reprodução. Características, geralmente, de

setores com baixa evolução técnica e baixa produtividade, que são compensados pela utilização intensa de mão-de-obra;

- Formas que se baseiam nos requisitos próprios das inovações tecnológicas introduzidas, os quais passam a exigir maior volume de mão-de-obra desqualificada. Essas formas exigem controle direto por vigilância e supervisão e estabelece o controle indireto pelo ritmo do próprio maquinário e
- Formas que fazem utilização intensa do trabalho baseadas na sistemática da alta rotatividade, passível de ser utilizada pelas amplas dimensões do exército industrial de reserva. Esse processo limita-se a substituir periodicamente os trabalhadores, mantendo imutável o ritmo de trabalho, a longa jornada e os baixos salários.

Não seria incorreto sugerir que as configurações do trabalho dos bolivianos nas oficinas de costura são uma resultante do cruzamento das três classificações elencadas pela autora. Mesmo os entraves jurídicos colocados à regularização da mão-de-obra imigrante não aparecem como um fator inibidor da vinda de bolivianos para São Paulo, ou seja, não tem demonstrado ser um fator de contenção da ampliação de um exército de reserva de mão-de-obra que já não se limita às fronteiras nacionais. Além disso, tais obstáculos possuem impacto direto no baixo preço da força de trabalho e na fragilidade sócio-política que caracteriza a situação dos imigrantes. A associação desses fatores permite que a taxa de apropriação de trabalho excedente dos costureiros ocorra não somente de forma relativa, mas também absoluta, ou seja, pelo aumento da jornada de trabalho. Faz com que o Estado brasileiro seja componente do processo de formação dessa apropriação de trabalho na medida em que não reduz as barreiras à regulamentação e anistia dos imigrantes. As alternativas econômicas escasseiam na medida proporcional da dificuldade de regularização que os imigrantes atravessam. A marginalização, crime e o desespero aparecem como efeitos de tal situação.

No âmbito Macrossocial, com a remodelação no modo de produção capitalista ocorrida após a crise estrutural do capital, especialmente, após o início dos anos 70 e seus impactos sobre o mundo do trabalho, diversos autores como Gorz (2005), Negri e Lazzarato (2001), Pochmann (1996) e Antunes (2005) chamaram a atenção para a presença de novas formas de trabalho, conformando um *ciclo de produção imaterial*, onde os aspectos sistemáticos e mecânicos do trabalho passam a ser gradativamente substituídos por seu potencial criativo e cognitivo. Obviamente, tais transformações possuem como contexto um desenvolvimento avassalador em tecnologias de comunicação, transporte e produção, que convivem com práticas de trabalho.

Assim, o objeto de análise é peculiar. Por um lado, ele aparenta desconectar-se até das técnicas mais simples de gestão do trabalho e de respeito à dignidade do trabalhador. Neste sentido, assemelha-se às práticas arcaicas (ou pré-capitalistas) de relações de trabalho.

Além das exigências de cortes nos gastos públicos, com formação de reservas, combate à inflação e abertura comercial, a flexibilização do trabalho figura como um dos itens centrais na etapa descrita como “acumulação flexível de capital”. A dinâmica de terceirizações e sub-contratações está situada na dimensão microssocial descrita acima pelo Nogueira(2002). Na América latina, tal projeto não foi eficiente na apresentação de resultados condizentes com a hipótese de que se trate de um projeto estabelecido sobre a garantia de direitos sociais. A promessa de desenvolvimento para a região, atrelada ao receituário em questão, foi frustrada, em muitos países, pelo agravamento das condições de pobreza e concentração de renda. A Bolívia foi um dos países severamente afetados por esse processo (KOHL E FARTHING, 2007).

Mesmo afirmando a predominância do trabalho imaterial como lógica estruturante das novas relações capitalistas, Gorz (2005) não abdica de reconhecer que o trabalho material segue existindo e segue desenvolvendo formas contemporâneas de exploração. O que ocorre, segundo o autor, é que agora:

o trabalho imaterial torna-se a forma hegemônica do trabalho; o trabalho material é remetido à periferia do processo de produção ou abertamente internalizado. Ele se torna um 'momento subalterno' desse processo, ainda que permaneça indispensável ou mesmo dominante do ponto de vista qualitativo (Gorz, 2005, p. 19).

Nesse sentido, os bolivianos se encaixam perfeitamente no perfil da mão-de-obra exigida por esse circuito subalterno de produção, na medida em que o “imigrante só pode ser concebido indissociavelmente ligado ao trabalho” (SAYAD, 1998, p. 52). Evitando pender para posturas que possam essencializar determinadas dimensões da experiência social, não pode-se negar que o desemprego tem um efeito diferente para o imigrante, no sentido de reforçar o sentimento de ‘ilegitimidade de sua presença’. Tal fato faz com que os bolivianos, que já estão imbricados em vínculos de endividamento e dependência, fiquem mais vulneráveis ainda às condições de trabalho existentes nas oficinas de costura.

Se um imigrante é sobretudo “força de trabalho” e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito (SAYAD, 1998:54), ele se converte em uma mercadoria essencial dentro das novas configurações do mercado capitalista.

A correlação de forças entre a sociedade receptora e o imigrante é desigual pende para o lado da primeira. Isso força o imigrante a subordinar-se a uma troca na qual os termos são invertidos, ou seja, de credor o imigrante passa a devedor.

Os condicionantes do macro-cenário em questão, sempre estiveram atrelados ao fenômeno que pode ser chamado de ‘porosidade seletiva’ das fronteiras nacionais em relação ao trabalho e ao capital, que se traduz pela existência paralela de entraves à entrada e permanência de trabalhadores imigrantes e a fluidez, da qual o capital internacional dispõe para penetrar no país.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta investigação, que se situa metodologicamente na abordagem qualitativa-interpretativa, abordou o caso da população boliviana que trabalha ou trabalhou nas oficinas de costura na cidade de São Paulo visando mapear os fluxos migratórios e o processo de sub-contratação dessa mão-de-obra destacando as relações de trabalho tecidas nesse contexto. Tal abordagem possibilitou uma maior familiarização dos pesquisadores com o objeto de estudo da investigação. Segundo Hernandez, Fernández e Baptista (2006, p. 5) este enfoque “utiliza coleta de dados sem medição numérica para descobrir ou aperfeiçoar questões de pesquisa e pode ou não provar hipóteses em seu processo de interpretação”. O foco está na compreensão do fenômeno estudado e não na explicação. Desta forma essa abordagem está voltada para “imprimir significado aos fenômenos humanos com o apoio de exercícios de interpretação e compreensão, pautados na observação participante e na descrição densa” (LIMA, 2004, p.30)

Optou-se pelo método de estudo de caso em virtude de que procurou-se caracterizar Por que e Como os fluxos migratórios favorecem a sub-contratação de mão-de-obra barata nas oficinas de costura na cidade de São Paulo e quais as características presentes nesta relação de trabalho. Conforme Yin (1994), o emprego de um estudo de caso é recomendável quando o pesquisador “investiga” um fenômeno contemporâneo inserido em um contexto da vida real em que os limites e as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente explicitados. É muito utilizado quando o pesquisador possui pouco conhecimento sobre o objeto de estudo ou nenhum controle sobre os eventos.

A fim de analisar o objeto de estudo da pesquisa “Fluxos migratórios e Relações de Trabalho” e para poder dar resposta à indagação principal, a saber: Quais os elementos que incidem na reprodução da exploração do trabalho de bolivianos nas oficinas de costura na cidade de São Paulo?, considerou-se pertinente a utilização da pesquisa exploratória, em virtude do número limitado de fontes de informações secundárias confiáveis no Brasil para a consolidação de uma base de dados válida que subsidiasse a coleta de informações. A pesquisa exploratória em poucas ocasiões constitui um fim em si mesmo, geralmente determina tendências e identifica contextos e situações de estudo. O objetivo principal é obter maior conhecimento sobre o assunto que foi pesquisado, contribuindo para ampliar o entendimento do fenômeno estudado bem como esclarecer conceitos. Neste tipo de pesquisa, o método de “Estudo de Caso” pode ser utilizado por possibilitar estudar exaustivamente o assunto investigado.

Para este estudo, de cunho qualitativo, as técnicas utilizadas para coletar dados primários foram a observação, a entrevista e o colóquio. Foi escolhida a Entrevista por apresentar vantagens significativas em função da natureza qualitativa e exploratória do estudo. Conforme Lakatos e Marconi (1991) apud Lima (2004, p.91) esta técnica pode ser definida

como um encontro entre duas ou mais pessoas a fim de que uma ou mais delas obtenha dados, informações, opiniões, impressões, interpretações, posicionamentos, depoimentos, avaliações a respeito de um determinado assunto, mediante uma conversação de natureza acadêmica e/ou profissional.

Assim foram aplicadas as entrevistas de acordo com um roteiro previamente elaborado traduzido em perguntas específicas visando facilitar o alcance dos objetivos previstos no estudo. As entrevistas foram aplicadas em São Paulo, Brasília, La Paz e Buenos Aires respectivamente. Os sujeitos de pesquisa, além dos imigrantes, foram pessoas que trabalham com o tema de imigração boliviana no Brasil. Dentre eles Pastorais (órgãos vinculados à Igreja Católica) envolvidos com o gerenciamento dos processos migratórios; Vereadora de São Paulo, relatora da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) do trabalho escravo em São Paulo; Representantes da ONG Repórter Brasil, com experiência no tema, Representante da Organização Internacional de Trabalho (OIT), sediada em Brasília; Trabalhadores Bolivianos das oficinas em São Paulo; Familiares dos Trabalhadores sediados em Bolívia, Defensoria del Pueblo (entidade que consta no organograma estatal boliviano, mas que mantém independência em relação ao governo e acolhe denúncias sobre violações de direitos humanos), Secretário da Subsecretaria de Trabalho de Buenos Aires na Argentina. Foram realizadas reuniões com pesquisadores de Universidades como USP, PUC e UNICAMP. Para finalizar o levantamento das informações também foi utilizada como técnica para debate do assunto a condução de um “Colóquio Internacional” na cidade de São Paulo que reuniu a presença de vários atores envolvidos com a problemática tais como: ONGs, Governo, Pastorais, Ministério das Relações Exteriores da Bolívia, Organismos Internacionais como a Organização Internacional de Migração (OIM) e OIT, pesquisadores, além dos próprios imigrantes. O objetivo principal do Colóquio foi o de estabelecer um campo de debate entre atores com diferentes inserções em relação ao assunto, para projeção de diagnósticos complexos e a elaboração de uma plataforma comum de iniciativas.

A observação também foi utilizada como técnica de levantamento de dados primários de interesse para o estudo. Geralmente a observação permite apreender aquilo que não se explicita durante a entrevista mas que constitui parte do contexto coletivo, isto é, aquela lógica que só é percebida pelo observador participante. Para efeito desta pesquisa o investigador assumiu um papel participante na medida em que teve uma participação não disfarçada sem ter que passar a ser assumido como membro do grupo no meio estudado.

Na opinião de Lima (2004, p.98) a observação e a entrevista

configuram técnicas de coleta de materiais que compõem a categoria de observação direta intensiva (...) tais técnicas implicam um contato face a face entre o pesquisador e observado, e o processo de coleta de materiais exige uma comunicação mais profunda e demorada entre os agentes envolvidos (...) a observação e a entrevista não atingem elevado nível de credibilidade em função da quantidade de entrevistas ou observações realizadas, mas em função do nível de amplitude e aprofundamento atingido ao longo do processo de coleta de materiais.

Desse modo, a observação proporcionou informações qualitativas geradas desde uma perspectiva externa que possibilitaram tecer um quadro holístico de um contexto mais amplo para organizar e interpretar os dados obtidos.

Por se tratar de uma pesquisa de cunho qualitativo foi utilizada a “Análise de Conteúdo” como técnica para a interpretação das informações. Segundo Martins (2006, p.55) “o foco de interesse é a construção de procedimentos capazes de transportar o olhar-leitor a compreensões menos óbvias, mais profundas através da desconstrução do literal, do imediato”. Dessa forma, a análise de conteúdo serviu de auxílio no processo de descrição e compreensão do material escrito coletado, pesquisa documental, bem como na análise das informações coletadas durante as entrevistas. Também foi uma técnica de utilidade tanto para a fase da pesquisa exploratória quanto para a verificação de aspectos relevantes da pesquisa. A análise de conteúdo adquire força e valor mediante o apoio de um referencial teórico, particularmente para a construção das categorias de análises.

As amostras nas pesquisas exploratórias não são necessariamente probabilísticas. Assim, foi escolhida a técnica de amostragem não probabilística denominada “intencional”. Através deste tipo de amostragem não é possível estimar com precisão a probabilidade de que qualquer elemento da população seja incluído nela, porém espera-se que estes componentes reúnam as características de interesse para os propósitos da pesquisa.

Na abordagem qualitativa não interessa tanto a possibilidade de generalizar resultados, porém este tipo de amostragem é de grande valor pois “consegue ao proceder cuidadosamente e com uma profunda imersão inicial no campo obter os casos (pessoas, contextos, situações) que interessam ao pesquisador e que oferecem uma grande riqueza para a coleta e a análise dos dados” (HERNANDEZ; FERNANDEZ e BAPTISTA, 2006, p. 272)

Atendendo ao caráter exploratório deste estudo e tendo como norte a questão-problema a Unidade de Análise ou Amostra foi escolhida a partir de imigrantes bolivianos que se encontravam trabalhando na cidade de São Paulo em oficinas de costuras.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para efeitos da apresentação qualitativa das informações foram utilizadas categorias de classificação a partir da técnica “Análise de Conteúdo” a fim de sistematizar as respostas mais freqüentes. Os aspectos relevantes dos depoimentos foram agrupados num quadro que visa resumir o cerne das principais preocupações apresentadas neste trabalho.

4.1 Motivos da imigração boliviana para São Paulo

Os principais fatores de motivação dos fluxos migratórios de bolivianos que se inserem no circuito de produção têxtil de São Paulo é de ordem econômica. A falta de empregos, precarização das condições de vida e má distribuição de renda nos países de origem geram uma ausência de perspectivas que pode ser considerada o elemento mínimo da base material da migração. Outros elementos, no entanto, podem servir como catalisadores de fluxos migratórios, como as redes pessoais de relações e redes organizadas de tráfico e contrabando de pessoas, além da construção coletiva de um imaginário que associe algum lugar à promessa de felicidade e sucesso econômico.

A seguir, é apresentado o quadro 1 com o resumo classificado a partir das dimensões pré-definidas junto aos principais depoimentos:

Econômico	Desemprego na Bolívia
	Políticas neoliberais no país com pouco investimento nas questões sociais.
Sócio-espacial	Redes pessoais de relações
	Redes organizadas de tráfico e contrabando de pessoas
Imaginário	Imaginário de que em São Paulo é possível viver em condições melhores e a Ilusão de uma possível ascensão econômica.

Quadro 1. Fatores propulsores de fluxos migratórios, de acordo com categorias motivacionais.

Segundo o Censo de 2001 da Bolívia (INE, 2001), 58,6% da população é pobre, vive em condições inapropriadas, necessita de serviços de saneamento e água, utilizam combustíveis inadequados, tem baixo nível de educação e atenção inadequada à saúde. Ainda de acordo com o Censo de 2001, 21,7% da população encontra-se em estado de *indigência*.

O número é alto, mas olhando um pouco para trás, nota-se que o país já chegou a possuir índices ainda mais alarmantes: o Censo de 1992 definia 70,9% da população como pobre, sendo que em 1976 este número estava em 85,5% (INE, 2001). Atualmente segundo Relatório do (PNUD 2008), a Bolívia está em 117º no ranking de IDHⁱⁱⁱ, enquanto o Brasil encontra-se em 70º lugar.

Outro fator que estimula a migração é a presença de distintas modalidades de redes sociais, que incluem as pessoais de relações e as organizadas de tráfico e contrabando de pessoas^{iv}. Estas últimas fazem propagandas em rádios bolivianas, em jornais e em postes nas ruas, prometendo emprego garantido em São Paulo, com salários em dólar, com transporte, alimentação e moradia incluídos.

A partir do fim da década de 1980 a abordagem das redes sociais é incorporada às pesquisas de migração internacional, dando maior destaque às formas como

táticas e estratégias são acionadas entre os membros da rede, possibilitando que pessoas circulem e habitem em diferentes lugares, fundando um uso do território que não se conforma aos limites físicos das fronteiras nacionais (SANTOS, 2007, p.53)

Um fenômeno interessante identificado é a formação de redes sociais de parentesco entre migrantes bolivianos. As análises de Tilly (1990) apud Santos (2007) chamam a atenção para a ambigüidade das redes sociais que, por um lado, facilitam a travessia e permitem certa liberdade, por outro, também servem para perpetuar desigualdades e explorações de uns imigrantes sobre outros. Deve ser dada importância ao fato de que as comunidades possuem especificidades na formação de suas redes sociais que, no caso estudado, devem ser compreendidas a partir de um campo cultural, na qual a idéia de ‘família’ é ampliada, abarcando, muitas vezes, relações de segundo ou terceiro grau, ou ainda relações entre vizinhos e amigos. Essa rede confere um caráter cumulativo à migração de bolivianos para o Brasil.

Todos os fatores apresentados acima contribuem para que os bolivianos se sujeitem a um trabalho exploratório nas oficinas de costura. Na maioria dos casos, eles não se percebem enquanto mão-de-obra explorada, dizem que no Brasil eles trabalham muito, mas ganham mais que na Bolívia. Problemas familiares são uns dos principais motivos do retorno para a Bolívia, e todos os entrevistados que no momento moravam em La Paz, disseram ter vontade de retornar ao Brasil.

4.2 Condições de trabalho nas oficinas de costura

A falta de documentação é um fator que contribui para que os bolivianos se sujeitem à exploração. O medo de serem descobertos e extraditados é comum entre eles. Este temor é potencializado pelos contratantes que estimulam o enclausuramento dos imigrantes e dificultam o acesso às oficinas que dificilmente são detectadas por um transeunte da cidade. Outro fator de exclusão é a língua, pois poucos falam português. A língua comum entre eles é o castelhano, entretanto alguns chegam à cidade falando apenas quechua e aymara (línguas nativas).

A união dos fatos da falta de documentação e da terceirização da indústria têxtil estimula o aparecimento de intermediários entre as empresas e as oficinas de costura. Alguns coreanos e os bolivianos (chamados de “Dons”) fazem esse papel, e recebem a maior parte do pagamento. Com isso, a remuneração por peça produzida é baixa (R\$0,30 a R\$1,00 por peça produzida) e o tempo para a entrega das encomendas também não condiz com o tempo necessário para uma boa execução. Deste modo, as jornadas de trabalho dos costureiros são estendidas em média de 16 a 18 horas diárias de trabalho, com uma parada de trinta minutos para três refeições diárias. Eles em alguns casos folgavam no domingo, e muitos “preferem” trabalhar no dia de folga, porque se eles não trabalham não têm direito à alimentação.

A condição de vida nas oficinas é precária, variando de oficina para oficina, o que torna difícil o estabelecimento de um padrão. Porém, é possível identificar algumas características comuns. A primeira é que as oficinas funcionam simultaneamente como ambientes de trabalho e de moradia. É difícil para os costureiros diferenciarem o tempo de trabalho e tempo de descanso nestas condições, além de que as fronteiras do espaço privado tornam-se absolutamente porosas. A ausência da separação entre local de moradia e local de trabalho apareceu na presente pesquisa como um dos elementos primordiais de exploração nas relações de trabalho estudadas.

Nas oficinas, o cuidado das crianças e da alimentação é responsabilidade das mulheres. É importante notar que estas tarefas da produção do viver, apesar de necessárias, não são remuneradas. Tais relações sociais de gênero, nas quais existe uma exploração do sexo masculino sobre o sexo feminino, foram construídas socialmente e possuem como uma de suas expressões a divisão sexual do trabalho (CARRASCO, 1999; HIRATA, 2002). Deste modo, as mulheres trabalham o mesmo número de horas que os homens, porém recebem menos, já que são obrigadas a saírem das máquinas de costura para trabalhar com as outras tarefas domésticas. Constatação que se reproduz não apenas nesse caso, mas dissemina-se por todas as esferas da atuação profissional da mulher.

Outra particularidade desta condição de vida é a antecipação da entrada dos adolescentes para a vida adulta. É possível encontrar meninos e meninas em idade escolar trabalhando nas máquinas de costura.

O Quadro 2 apresenta o resumo das dimensões relacionadas com as condições de trabalho nas oficinas de costura.

Língua Falada	Castelhano
	Quechua
	Aymara
Formas de contratação	Muitos já vêm com uma oficina de costura específica para trabalhar.
	Existe uma oferta de trabalhos nas oficinas oferecida na Praça Kantuta (centro de São Paulo).

	Os donos de oficinas geralmente são os Coreanos e os Bolivianos "Dom" (nome atribuído a um boliviano que atingiu a uma ascensão social).
Infra-estrutura	Não existe um padrão físico das oficinas, a qualidade do espaço varia entre elas.
	Não há separação entre espaço de trabalho, de alimentação e de descanso.
	Janelas e portas permanentemente fechadas, para que o ruído das máquinas não vá para fora.
	Excesso de fios elétricos soltos pelas oficinas, aumentando a possibilidade de ocorrência de curto-circuito.
Remuneração	Os costureiros recebem de R\$0,30 a R\$1,00 por peça produzida. No mês eles recebem de R\$300,00 a R\$ 400,00.
Benefícios	Eles moram e comem nas oficinas, mas isso é descontado.
Alimentação	A comida tem o tempero boliviano, com a presença maior de carboidratos e uma ausência de proteínas.
Jornada de trabalho	Jornada de trabalho de 16 a 18 horas diária.
Acesso aos equipamentos públicos	Saúde: As crianças e idosos são os que utilizam o serviço da saúde com maior frequência. Os adultos recorrem ao serviço quando a doença já está avançada e dificilmente retornam quando o médico solicita algum exame.
	Educação: Todas as crianças são asseguradas por lei ao direito a educação independente se tem documentos, entretanto, foram relatados casos da não aceitação de crianças por falta de documento.
	Acesso a microcréditos: pela falta de documentação eles não conseguem abrir contas em bancos e a políticas de microcréditos do governo federal não chegou até eles.
Divisão sexual do trabalho	As mulheres têm a responsabilidade do cuidado das crianças e da alimentação.
Crianças	As crianças que não estão em idade escolar ficam na oficina o dia todo. Em muitas oficinas as crianças não têm um espaço só para elas.
Jovens e adolescentes	Nestas condições, a entrada na fase adulta é antecipada, deste modo é possível encontrar adolescentes costurando.
Violência	Crianças: sofrem violência nas escolas por parte das crianças brasileiras. Existem casos de violência doméstica.
	Mulheres: sofrem violência doméstica (física, psicológica, moral e sexual).
	Todos: Podem sofrer violência na viagem, como roubo, violência física ou moral.
Doenças	O ambiente das oficinas, má alimentação, excesso de trabalho e pouco cuidado com a saúde contribuem para a proliferação da tuberculose.

Quadro 2: Condições de trabalho nas oficinas de costura

4.3 Ações no Brasil e na Bolívia

Dada a situação precária da vida das oficinas de costura, diversas organizações da sociedade civil e os governos da Bolívia e do Brasil estão tendo algumas iniciativas para modificar a situação. O problema da documentação, no momento, é o mais visado. Quase

todos os atores estão trabalhando com esse tema, porém nota-se, particularmente, a presença marcante da Igreja Católica na tentativa de solucionar a questão.

Em seguida é apresentado o quadro 3 com as informações das iniciativas voltadas para minimizar a problemática aqui discutida.

Brasil	<p>A Casa do Migrante atende 24 horas por dia em todos os dias do ano. Os bolivianos não vão em primeira instância para a Casa, eles só recorrem a ela quando o vínculo que eles tinham em São Paulo é quebrado. Algumas mulheres bolivianas procuram a Casa após sofrerem violência doméstica.</p>
	<p>O CAMI (Centro de Apoio ao Migrante) existe há dois anos e tem a função social de integrar o imigrante, eles oferecem assistência jurídica, aulas de informática, aula de cidadania, fazem campanha contra o trabalho escravo e o tráfico de pessoas. Eles atenderam no ano passado 13.000 pessoas, na maioria boliviana. Eles atendem em média 15 pessoas por dia.</p>
	<p>A Pastoral do Migrante no ano passado atendeu 900 bolivianos e hoje atende uma vez por semana de 25 a 30 pessoas, sendo que 50% são mulheres. Faz atendimento em cinco áreas: regularização das pessoas, problemas mobiliários, violência doméstica e uma que a entrevistado caracterizou como “problemas menores”.</p>
	<p>A Superintendência Regional do Trabalho e Emprego de São Paulo (SRTE/SP) convocou uma reunião junto a sociedade civil organizada e outros órgãos do governo e do estado para debater e tirar propostas alternativas sobre o tema.</p>
	<p>O Ministério do Trabalho e emprego do Brasil organizou um conselho interministerial e convocou uma reunião junto a sociedade civil organizada.</p>
	<p>A Câmara dos Vereadores da cidade de São Paulo fez no ano de 2005 a CPI do trabalho análogo ao escravo. A CPI contribuiu com a primeira descoberta sobre a cadeia produtiva do setor têxtil. A partir de duas “blitz” em oficinas de costura com mão-de-obra boliviana, foram encontradas roupas de três grandes lojas de magazine: C&A, Marisa e Riachuelo. Essas empresas foram contatadas e intimadas judicialmente a prestarem depoimento. Os diretores das marcas mencionadas alegaram, no primeiro momento, não saber destas condições de trabalho. Como possíveis soluções, a vereadora entrevistado apresentou quatro pontos: medidas internas das empresas (caso C&A), adesão dos consumidores, expropriação das oficinas e um trabalho dos órgãos públicos para implantar políticas públicas e expandir as já existentes para essa população.</p>
	<p>A sociedade civil de São Paulo organizou um grupo para se debater o tema da migração em São Paulo. Ele se chama "Visibilidade que queremos" e conta com a presença de representantes da Prefeitura Municipal de São Paulo, Pastoral do Migrante, Universidade Mackenzie, Pontifícia Universidade Católica e ONGs que trabalham com o tema.</p>
	<p>O Colóquio “Fluxos migratórios de bolivianos para o Brasil e a exploração do trabalho” teve como objetivo principal discutir o fluxo da imigração boliviana para o Brasil para que se estabeleça uma plataforma que desenvolva ações conjuntas, iniciativas de cooperação e propostas concretas de atuação colaborativa entre diferentes atores do Brasil e da Bolívia. Teve como uma das propostas elaborar um guia para os imigrantes que foram construídos junto ao grupo "Visibilidade que queremos" e serão distribuídos nas "Brigadas de documentação" do Ministério das Relações Exteriores da Bolívia.</p>

	O Serviço da Pastoral do Migrante vem fazendo uma campanha pela mudança da Lei do Estrangeiro vigente no País.
Brasil e Bolívia	Os governos do Brasil e da Bolívia fizeram um acordo bilateral de regulamentação migratória, ele permite que os bolivianos que chegaram no Brasil e os brasileiros que estão no Bolívia antes de 2005, tenham um documento de identificação de estrangeiro. Com ele os imigrantes podem viver no Brasil ou na Bolívia com os direitos de um estrangeiro garantidos. O governo boliviano e o governo brasileiro organizarão ‘brigadas móveis de documentação’ a fim de documentar seus compatriotas residentes no país vizinho. Eles entregarão certidão de nascimento ou casamento, carteira de identidade e antecedentes criminal. O ministério da relação exterior da Bolívia estima em atender 40 mil bolivianos em São Paulo.
Bolívia	A Pastoral da Mobilidade Humana da Bolívia ministram curso sobre imigração nas regiões carentes de La Paz, estimulam as pessoas a ficarem na Bolívia, pagam passagem para quem quer voltar para casa e organizam uma rede de entidades para auxiliar os migrantes. Permitem que as famílias de pessoas que migraram usem computadores para comunicação.

Quadro 3: Ações no Brasil e na Bolívia

4.4 O caso Argentino

O caso da presença de imigrantes bolivianos em Buenos Aires insere-se no presente trabalho por duas razões principais: acredita-se que a análise da situação Argentina permite notar que as relações entre migração e exploração do trabalho na América latina não são aleatórias; as medidas tomadas na capital portenha apresentam indicativos de que é possível uma ação mais ampla e organizada no sentido do desmantelamento de cadeias produtivas com tal perfil.

A Prefeitura de Buenos Aires começou a investigar o caso das oficinas de costura da cidade a partir do incêndio de uma oficina de costura que matou seis bolivianos, entre eles algumas crianças. As pessoas morreram porque a oficina estava trancada. O fato foi denominado de o “trágico incêndio de Luis Viale”, porque a oficina ficava na Rua Luis Viale.

A fim de mapear a cadeia produtiva têxtil, a Prefeitura contratou um “esquema de inteligência profissionalizada” para fazer um trabalho investigativo. Uma técnica utilizada foi a de seguir os carros das marcas até as oficinas, e os carros que saíam das oficinas com as mercadorias para as os escritórios das marcas. As próprias marcas investigadas também denunciaram as concorrentes. A primeira marca descoberta no país foi a Cheeky. Foram detectadas 77 marcas, entre elas: Puma, Adidas e Fila.

Além da identificação das empresas, foi calculada a divisão do lucro da cadeia produtiva a partir da divisão dos preços: 75% ficam com as marcas, 15% com as tecelagens, 3% com as oficinas e 2% com o intermediário. As roupas produzidas pelas oficinas foram divididas em quatro categorias de lojas. O primeiro conjunto de roupas é vendido nos Shopping Centers e tem o preço mais elevado, o segundo tipo é vendido nas grandes avenidas, à terceira categoria são roupas vendidas por camelos e nas lojas da Rua Rio de Janeiro (uma rua de comércio popular em Buenos Aires) e o quarto grupo são as de roupas falsificadas. A Puma vende uma peça na sua loja oficial por \$250 pesos e paga \$1,50 pesos para a oficina. A Cheeky comercializa uma roupa no shopping por \$32 pesos e paga ao costureiro que confeccionou \$0,30 centavos de pesos. A Montagne vende jaquetas térmicas no shopping por \$400 pesos, dos quais \$1,50 pesos são repassados ao trabalhador.

As características das oficinas em Buenos Aires são muito parecidas com as de São Paulo. Quem faz a intermediação entre as marcas e as oficinas são os bolivianos que já adquiriram o título de “Dom” e os coreanos. São esses intermediários que, em sua maioria,

fomentam a terceira e a quarta categorias de roupas. Já as roupas do primeiro e segundo grupo são produzidas parcialmente nas “fábricas legais”, entretanto, como elas não garantem toda a produtividade, também se tornam intermediárias das oficinas de costura. Um funcionário da Zorro e da Cheeky que não quis ser identificado relatou que as marcas financiavam as oficinas de costuras ilegais.

Os costureiros em Buenos Aires estão agrupados em duas organizações: Unión de Trabajadores Costureros e La Fundación Alameda. Com essa organização eles conseguiram formar algumas cooperativas e legalizar algumas oficinas, neste caso conseguiram acabar com o intermediário. Entretanto a remuneração por peça produzida continua a mesma e ainda existem oficinas sem documentação que estão vinculadas aos intermediários.

5 REFLEXÕES FINAIS

É importante destacar como citado na introdução que este trabalho de pesquisa não é conclusivo e sim o ponto de partida para futuras discussões e aprofundamentos que permitam delinear com maior clareza a abrangência e desdobramentos dos resultados encontrados. Assim, a partir do diálogo com os diversos autores referenciados neste artigo foi possível tecer as seguintes considerações:

- O discurso de Responsabilidade Social não se sustenta se não analisadas a coerência da atuação das empresas e de todos os elementos da cadeia produtiva, isto é, analisar a questão da co-responsabilidade;
- Apesar dos avanços nos modelos de gestão implementados nas organizações, persistem as mesmas estruturas de poder que colocam empregado-empregador com objetivos e interesses opostos;
- A seleção de sub-contratadores no setor têxtil baseada em critérios de menor preço; maior produtividade e rápida entrega estimula a reprodução de relações de trabalho calcadas em condições de trabalho desumana;
- Apesar dos bolivianos receberem um dos salários mais baixos da escala ocupacional, eles enxergam o salário recebido como uma recompensa;
- Existe uma semelhança do caso argentino e brasileiro e observa-se que a argentina identificou o maior número de marcas e uma abrangência em diversos setores da indústria têxtil, deste modo, pode-se tangenciar uma analogia com o caso brasileiro e se perguntar se no Brasil também não existem marcas e setores que utilizam essa mão-de-obra e não foram identificados.
- A dimensão social tão discutida nos novos modelos estratégicos de gestão de pessoas está muito longe do vivenciado nas oficinas de costuras em São Paulo;
- A complexidade do assunto exige a produção de alternativas à inserção degradante dos bolivianos na cadeia produtiva do setor têxtil. Percebe-se que existem diversas modalidades de iniciativas dos mais diferentes atores sociais, tanto na esfera legal, como econômica, política, assistencial. Para que haja uma mudança efetiva é necessária a convergência desses esforços.
- Observando o caso dos bolivianos, nota-se que sua situação é engendrada por uma complexa articulação de elementos, porém três são particularmente decisivos: a situação de pobreza e precariedade no país em que viviam que os motiva a emigrar; demanda por mão-de-obra não qualificada nos nichos de exploração laboral do circuito produtivo do

setor têxtil em São Paulo; e a rigidez normativa e política restritiva de ingresso ao Brasil.

Por fim, e não menos importante, do ponto de vista das relações de trabalho, sugere-se uma orientação voltada para a concepção do imigrante como um sujeito de direitos, que incluem os direitos trabalhistas; como um cidadão com acesso à esfera pública e às instâncias democráticas de participação e deliberação no debate político.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2005.
- CAMPOS, Geraldo Adriano. **Orçamento Participativo de São Paulo: limiar da participação e redistribuição na megalópole.** In Campos, Geraldo Adriano et al., Democracia participativa e redistribuição. Análises de experiências de Orçamento Participativo. São Paulo: Ed. Xamã, 2008.
- CARRASCO, Cristina. **Mujeres y economia. Nuevas perspectivas para viejos y nuevos problemas.** Barcelona: Icaria, 1999.
- FISCHER, Rosa M. **“Pondo os Pingos nos IS” Sobre as Relações do Trabalho e Políticas de Administração de Recursos Humanos.** In: Leme Maria Tereza e Fischer Maria Rosa (Coord) Processo e Relações do Trabalho no Brasil. São Paulo: Atlas. 1987.
- GORZ, André. **O imaterial. Conhecimento, valor e capital.** São Paulo: Annablume, 2005.
- HERNÁNDEZ, Roberto S; FERNÁNDEZ, Carlos; BAPTISTA, Pilar L. **Metodologia de Pesquisa.** 3ª edição, São Paulo: Mc Graw Hill, 2006.
- HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade.** São Paulo: Boitempo, 2002.
- INE (Instituto Nacional de Estadística). **Bolivia: Mapa da Pobreza, 2001.** Disponível em www.ine.gov.br. Acesso em: 20 de jan. 2008.
- KEELY, Charles B. **Globalization transforms trade-migration equation.** International Migration. Vol.41 (1) . IOM (International Organization for Migration), 2003.
- KOHL, Benjamin e FARTHING, Linda. **El bumerán boliviano. Hegemonia neoliberal y resistencia social.** La Paz: Plural, 2007.
- LAZZARATO, Maurizio e NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LIMA, Manolita C. **Monografia: a engenharia da produção acadêmica.** São Paulo: Saraiva, 2004.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2006).
- NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. **Império.** Rio de Janeiro: Record, 2005.
- NOGUEIRA, Arnaldo J.F. **Gestão Estratégica das relações de trabalho** in As Pessoas na Organização. São Paulo: Gente. 2002. pp-115-132.
- POCHMANN, Márcio. **Economia global e os direitos trabalhistas na periferia do capitalismo.** In Migrações Internacionais: Herança XX, Agenda XXI. Patarra, Neide (org.) Campinas: FNUAP, 1996.
- PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). **Ranking do IDH: Relatório 2007/2008 do PNUD.** Disponível em http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade/reportagens/index.php?id01=2827&lay=pde. Acesso em 20 de janeiro de 2008.

- SANTOS, Gislene A. **Redes e território: reflexões sobre a migração.** In Dias, Leila Christina e Silveira, Rogério L.L. (orgs.) *Redes, Sociedades e territórios.* Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2007.
- SAYAD, Abdelmalek. **A imigração.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- SHERER-WARREN, Ilse. **Redes sociais: trajetórias e fronteiras.** In Dias, Leila C. e Silveira, Rogério L.L. da (orgs.) *Redes, sociedades e territórios.* Santa Cruz do Sul: UNISC, 2007.
- TARRIUS, Alain. **“Territoires circulatoires et espaces urbains: différenciation des groupes migrants”.** In: *Les Annales de la Recherche Urbaine*, nº 59/60, 1993: 50-59.
- VARGAS, Patricia S. e FLORES, José R.. **Reflexiones sobre uma política migratória em Bolívia. Caso: bolivianos em Argentina.** La Paz: Fondo Editorial de los Diputados, 2007.
- YIN, Roberto. **Case Study Research Design and Methods: applied social research methods.** v.5, USA: Sage Publications, 1994.

ⁱ Trata-se da Lei 6.815, de 19.08.1980, que foi regulamentada pela Lei 6.964, de 09.12.1981.

ⁱⁱ Está em andamento uma discussão sobre a reformulação da Lei no Congresso nacional, mas até o momento não ocorreram mudanças.

ⁱⁱⁱ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da ONU mede o desenvolvimento do País com base na expectativa de vida, no nível educacional e na renda per capita.

^{iv} *Tráfico de seres humanos:* Refere-se ao recrutamento, transporte, transferência, abrigo ou acolhimento de uma pessoa por meio de ameaças, ou uso de força, ou outras formas de coerção, seqüestro, fraude ou engano para fins de exploração (OIT, 2005:13). No caso analisado, o “gato” (intermediário) sai do Brasil, vai para o país vizinho, recruta mão-de-obra, atravessa a fronteira e leva para o local de trabalho, ou seja, as oficinas de costura de São Paulo. *Contrabando de seres humanos:* O “gato” atravessa o migrante para o lado do Brasil. O restante da viagem ele faz por conta própria. Na Bolívia são utilizados outros nomes para os mesmos conceitos. O conceito brasileiro de *contrabando de seres humanos*, na Bolívia, é chamado de *tráfico*, que em inglês é equivalente ao *smuggling*. Já o conceito de *tráfico de seres humanos* é denominado *trata* na Bolívia e vem da palavra *trafficking* em inglês.